LÉXICO: FONTE DE RESGATE HISTÓRICO

Ivonete STEFANES (UNESP/ UEMS)¹

RESUMO: O estudo das palavras, não em estado de dicionário, mas uma palavra contextualizada, é a perspectiva norteadora deste trabalho com o soneto *Língua Portuguesa*. O resgate lexical permite a compreensão dos fatos históricos, culturais e ideológicos veiculados pela produção de sentidos do fazer discursivo. O levantamento dos campos lexicais e semânticos, de acordo com os critérios da sinonímia e da antonímia como fonte de entrada discursiva, possibilita a compreensão da palavra como fonte de produção de sentido, de forma que o passado e o presente se interpenetram e se completam na descrição do objeto.

RESUMEN: El estudio de las palabras, no en estado de diccionario, mas una palabra contextualizada, es la perspectiva norteadora de este trabajo con el soneto *Lengua Portuguesa*. El rescate lexical permite la comprensión de los fatos históricos, culturales y ideológicos vehiculados pela producción de los sentidos del hacer discursivo. El levantamiento de los campos lexicais y semanticos, de acuerdo con los criterios de la sinonímia y de la antonímia como fuente de entrada discursiva, posibilita la comprensión de la palabra como fuente de sentido, de forma que pasado y presente se interpenetran y se completan en la descripción del objeto.

1. Introdução

A linguagem entendida como a capacidade que o homem tem para externar pensamentos e sentimentos através da língua, constitui-se, por excelência, como um instrumento de comunicação do fazer discursivo. É fonte de interação entre povos e culturas, desloca-se no tempo e no espaço, veicula a história e o conhecimento, revela a identidade do falante e a cultura das sociedades historicamente constituídas.

A língua, por seu caráter de dinamicidade, assenta-se sobre o princípio da mudança e da permanência. A mudança é decorrente do uso, ato concreto e contínuo de produção no contexto sócio-histórico-cultural-ideológico. A permanência assegura o conjunto de traços distintivos do sistema que o sustentam como tal, não permitindo que a pluralidade de usos desvirtue a singularidade de sua estrutura, nem corrompa o funcionamento da sua instituição como sistema lingüístico coerente e identificável.

A informação, por meio de textos, promove o desenvolvimento da competência comunicativa que corresponde ao desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão de textos, nas mais diferentes situações de interação que permeiam o fazer discursivo no âmbito da enunciação, sendo esta entendida como “o acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado” (TRAVAGLIA, 1996, p. 71).

O estudo do léxico em diferentes gêneros discursivos se mostra como uma ferramenta ser utilizada pelos pesquisadores empenhados na tarefa de compreender, interpretar e descobrir o roteiro percorrido pelos produtores do discurso na produção dos efeitos de sentido. A linguagem, como forma de interação humana, é um ato bilateral que pressupõe a colaboração do interlocutor. Para a coerente produção do sentido não basta apenas o tecido textual impresso pelo enunciador. Necessário se faz a presença ativa do leitor real para que o ato se consume. Dessa forma, ao acionar o seu repertório lingüístico, os interlocutores percorrem, cada um a seu tempo, os roteiros onomasiológico e semasiológico na busca pelo sentido do texto.

Acreditamos, também, na relevância das noções estilísticas, acentuadamente no nível léxico-semântico, uma vez que o processo de criação das figuras de linguagem, implica na apreensão das mudanças ocorridas nesses níveis da língua que gerarão as novas formas, tanto pela disposição dos elementos estruturais, quanto pelas alterações, associações e ressignificação. Segundo Verney (apud LAUSBERG, 1970, p. 26),

Não há língua neste mundo tão fecunda de palavras, que possa exprimir todas as idéias do entendimento... Daqui nasceu a necessidade de servir-se de algum modo de exprimir que, ainda que não diga tudo, excite diversas idéias no entendimento, e poupe o trabalho de proferir muitas palavras.

¹ E-mail: nefanes@bol.com.br

O estudo do léxico reclama também o reconhecimento dos aspectos culturais, na acepção antropológica do termo, pois que os sujeitos são indivíduos detentores dos mais variados papéis sociais. Para Stefanos (2006, p. 28),

Vale ressaltar que o aspecto cultural de uma dada sociedade acaba cumprindo algumas funções importantes. Os seus membros organizam-se de acordo com um sistema de valores que os caracteriza diferenciando-os de outros e, por isso, ao mesmo tempo em que os individualiza, define fronteiras que os distinguem dos demais. Decorre daí o senso de identidade que os agrega, o que, por sua vez, gera maior comprometimento com aquilo que poderá ser útil à grande maioria. A cultura promove a estabilidade de um sistema social, pois a comunhão de valores, além de facilitar a integração para a solução de conflitos internos e/ou externos, concorre para a manutenção dos conceitos próprios daquele grupo.

2. Texto e Discurso

Texto e discurso são compreendidos como componentes lingüísticos que se encontram imbricados no processo da enunciação.

O discurso pressupõe toda atividade comunicativa do enunciado. Engloba, além dos enunciados produzidos, também a figura do enunciatário, a situação comunicativa, o repertório e todo o conhecimento de mundo dos interlocutores.

O texto, por sua vez, será entendido como unidade lingüística concreta, perceptível, tomada pelos usuários da língua em uma situação de interação comunicativa específica. Assim, o texto se perfaz como uma unidade de sentido que preenche uma função comunicativa, sendo, portanto, o resultado concreto que se produz segundo regras e princípios discursivos convencionalmente estabelecidos e considerados.

Para Travaglia (1996), o discurso como unidade produtora de efeitos de sentido é regulado, por uma exterioridade de ordem social, histórica e ideológica que determina o seu uso e a sua função dentro das regularidades lingüísticas, como condição de base para a produção da atividade comunicativa pela ação da linguagem, de onde resulta o texto enquanto unidade de sentido em relação à situação.

O sentido está atrelado à intencionalidade e, desta forma, o papel lingüístico-discursivo possui uma marca formal passível de interpretação pelos usuários da língua, de modo a cumprir uma finalidade específica. A realização de um ato de fala desencadeia uma reação no receptor, que pode ser, ou não ser aquela esperada, mas isso não impede a geração de um efeito de sentido. A bilateralidade desta ação permite que aconteça uma interação entre o produtor e o receptor do texto, concretizando-se, assim, a dimensão pragmática da linguagem.

A exterioridade, ou seja, o contexto histórico-social de uma determinada comunidade é que determinam os processos semânticos, os processos de significação constitutivos da linguagem manifestada no texto. Assim, através da seqüência lingüística evidente no texto se pode levantar detalhes da situação em que essa seqüência foi usada para produzir determinado efeito de sentido.

As determinações sócio-histórico-culturais que compõem o processo de significação e o uso dos elementos lingüísticos mantêm tão estreita relação entre si, determinando-se simultaneamente, de tal sorte que, se houver mudanças em algum de seus componentes, o processo todo vai, em menor ou maior grau, sentir os reflexos da mudança. Isso faz gerar, no contexto lingüístico a mudança, a renovação da língua no aspecto lexical, quer pela criação de neologias que atendem a uma determinada necessidade, quer pela entrada de novas lexias no inventário da língua.

A ideologia pode ser entendida como o ponto de vista, a partir do qual uma determinada sociedade vê os elementos que compõem o mundo natural e social é a maneira pela qual esses elementos se inter-relacionam. Assim, a formação ideológica de uma sociedade é fator determinante para a aceitação ou para a reprovação de certos enunciados lingüísticos.

Decorre daí, a pertinência do estudo da lexicologia como elemento possibilitador da compreensão/interpretação de textos produzidos em um determinado contexto, corroborando o entendimento de que as unidades lexicais isoladas são destituídas de sentido.

3. Léxico, campo lexical e campo semântico

Léxico pode ser definido como o conjunto de lexias virtuais que compõem o sistema de uma língua. A palavra, atualizada nos atos de fala (lexema), assume o status de vocábulo, através do uso reiterado e normatizado, dá entrada no dicionário, como uma unidade categorizada e classificada, adequando-se, assim, para os diferentes empregos.

O estudo do léxico deve assentar-se sobre a cultura de um povo. Desta forma, deve responder pela mobilidade de sentidos produzidos resultantes dos traços ideológicos, culturais e históricos que aparecem nos contextos interlocutivos, como a marca do partilhamento do saber produzido pelos grupos que compõem uma coletividade de indivíduos. Os valores de uso, as especificações, as denominações estão, desta forma, impregnadas da história cultural de um povo e de sua forma de ver o mundo, conjugando-se às noções diatópicas, diastráticas e diafásicas. Laface (2003, p. 02) cit. Vilela (1980), que define

campo lexical como sendo um paradigma lexical, formado pela articulação e pela distribuição de um contínuo, composto por diversas unidades existentes na língua (palavras), opondo-se entre si, por meio de traços de conteúdo. O campo lexical compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação, com base nas oposições imediatas.

Mais adiante, Laface (2003), ensina que se por um lado, o campo lexical define-se como sendo um conjunto de palavras que designam os diferentes aspectos de uma técnica, de uma noção ou de um objeto, o campo semântico evidencia-se como sendo um conjunto dos empregos de uma palavra, de um sintagma ou mesmo de uma lexia que segundo Genouvrier (1977), contribui para que uma unidade lingüística venha a adquirir sentido específico.

Desta forma, fica evidente que a base do campo lexical está pressuposta no sistema que compreende o léxico de uma língua com suas implicações semânticas acumuladas ao longo da história, da experiência e do conhecimento de um povo.

O levantamento dos campos lexicais associados aos campos semânticos, estudados através da pesquisa ao Dicionário, alocados dentro de um contexto, permitirão a compreensão dos efeitos de sentido gerados pela prática discursiva que se presentifica no texto em estudo. Nessa perspectiva, os recursos lingüísticos funcionam como pistas, para que o usuário da língua possa produzir efeitos de sentido, seja como produtor, seja como receptor de um texto. Essas marcas lingüísticas têm por finalidade instruir o falante que deverá, a partir delas, levantar o sentido para a seleção vocabular que compõe a unidade textual.

O texto de Bilac (1888), aqui transcrito, constitui o *corpus* do nosso objeto de estudo, por meio do levantamento, da descrição e da análise dos campos lexicais e semânticos, conforme os critérios da sinonímia *versus* antonímia como fonte de entrada discursiva onde as implicações léxico-semânticas reveladoras da temática são responsáveis pela construção do sentido.

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Nesse texto, diversos campos lexicais aparecem inter-relacionados. Três deles merecem destaque. O primeiro campo lexical apresenta lexemas referentes à botânica: **flor, agreste, selvas**, ao lado dos quais se registram as palavras de caracterização: **inculta, viço, aroma, rude** que direcionam a criação dos respectivos campos semânticos. O segundo é formado a partir de lexemas específicos do reino mineral: **ouro, ganga, mina, cascalhos**. O último campo a que daremos destaque se compõe de lexemas relativos a instrumentos musicais e à possível sonoridade por eles expressa: **tuba/clangor, lira/singela, trom, silvo, arrol**. Pelo processo de identificação dos semas básicos dessas unidades lingüísticas é possível a compreensão dos efeitos de sentidos desencadeados por estes campos lexicais, de forma a compor os respectivos campos semânticos a eles associados.

Embora não seja o objetivo central desse artigo, o estudo da palavra em estado de dicionário, no entanto, empregaremos esse instrumento como fonte de pesquisa da etimologia, da biografia das palavras (quando pertinente), e também como repositório do registro das acepções que possibilitarão a compreensão e o resgate do contexto sócio-histórico-lingüístico responsável pelos efeitos de sentidos.

Para a pesquisa das palavras doravante negritadas valemo-nos das descrições constantes nos verbetes sistematizadas por Ferreira (1986), **flor** (do lat. *flore*), que dentre as várias acepções traz também o significado de “a parte mais fina de uma substância; coisa excelente; ótima; de belo aspecto, estado do que é fresco, viçoso”(p. 788). **Ouro** (do lat. *auru*) “riqueza; opulência”(p. 1239). Nesse contexto, **flor** e **ouro** podem ser visualizados como componentes da sinonímia que proporcionam uma noção da língua com uma intensa carga subjetiva de valorização, onde os significados iniciais assumem sentidos específicos, conforme a intenção do produtor. Laface (2003) cit. Dubois et alli... (1973), “explica que a sinonímia é, numa primeira acepção, a possibilidade de dois termos se substituírem num mesmo contexto e, numa segunda acepção, o intercâmbio de dois termos em todos os contextos”. No caso desse texto, a sinonímia que se estabelece entre os termos **flor** e **ouro** em relação à língua é o intercâmbio operado no contexto sócio-cultural-ideológico que coloca a Língua Portuguesa numa posição de destaque.

As palavras de especificação referentes à **flor** como: **inculta** (do lat. *incultu*) “sem cultura, ou seja, aquilo que não foi cultivado” (p. 935); ao lado de **rude** (do lat. *rude*) “que não foi cultivado; que tem asperezas”(p. 1526) associadas à **agreste** (do lat. *agreste*) “relativo ao campo, sobretudo quando não foi cultivado; rústico; rude”(p. 65) criam, nessa situação, relações de sentido intercambiáveis no conjunto do texto. Nessa dimensão, a sinonímia se estabelece pelos diferentes usos da língua nos diferentes contextos.

Este conjunto sinonímico de palavras, apesar de denotar um significado que poderia ser visto como negativo, opera, no poema, em sentido contrário. O que se depreende da reiteração dos sentidos por ele produzidos é que a língua permite que seja cultivada, isto é, que se trabalhe as suas inúmeras possibilidades de realizações. Isso faz com que se compreenda que uma mesma palavra já carrega, em latência, também o seu avesso. Desta forma, os conceitos de sinonímia e de antonímia aparecem, de tal forma imbricados, que não é mais possível tratá-los de forma isolada, como se fossem por si sós independentes, isto porque a natureza abstrata de uma palavra já faz parte do sentido desta mesma palavra.

O vocábulo **viço** (do lat. *vitiu*) “exuberância de vida; vigor”(p. 1774), também, no texto, considerado como uma palavra de especificação, ao lado de **aroma** (do gr. pelo lat. *aroma*) “odor agradável de certas substâncias animais e vegetais; essência odorífica”(p. 166), criam aqui, uma oposição com as demais palavras de especificação acima arroladas. Instaura-se a antonímia dentro desse campo lexical, cujo efeito de sentido é o de destacar as aspectos positivos da Língua Portuguesa. O confronto desses conjuntos opositivos, cujos traços distintivos são contrários, acaba convergindo para a criação de um campo semântico onde o lado inculto da língua pode ser compensado pela exuberância e vitalidade de empregos e usos.

No campo lexical com lexemas referentes às riquezas minerais, a palavra **ouro** com o sentido de riqueza e exaltação é o vocábulo em torno do qual se organiza este conjunto léxico-semântico. Essa unidade lexical compõe o núcleo desse campo, uma vez que o seu sema básico que se descreve “como brilho, como algo muito precioso, de muito valor”, carrega para o texto o sentido de supervalorização da Língua Portuguesa.

O vocábulo **ganga** (do al.) “resíduo em geral não aproveitável de uma jazida filoniana, o qual pode, no entanto em certos casos, conter substâncias úteis” (p. 833); ao lado de **cascalho** (do lat. *quisquilia*) inicialmente descrito como “lascas de pedra”(p. 363), denotam um aspecto inferior da coisa. No entanto, no texto em estudo, podem ser apreciados de acordo com o seu conceito brasileiro, ou seja, “de aluviões auríferos ou diamantíferos”; e **mina** (do céltico, através do francês *mine*) “jazida de minérios preciosos; mina de ouro” (p. 1136) compõe uma gradação ascendente que vai intensificando o sentido de preciosidade do objeto descrito. Assim, aquilo que a princípio, poderia ser entendido como coisa de pouco valor é, através do recurso da antonímia, surpreendentemente valorizado. Nessa dimensão, o campo semântico associado a esse campo lexical sobreleva o conceito da língua, sobretudo pela contribuição brasileira.

Na gradação, existe a questão da comparação estabelecida em relação a uma certa propriedade e esta propriedade é em maior ou menor grau, o atributo de uma das coisas. Isto faz com que o contrário de uma palavra passe a fazer parte do sentido desta palavra. Daí a natureza binária que a antonímia estabelece para a relação semântica, cf. Laface, (2003).

A equiparação da mobilidade da língua às propriedades dos elementos componentes dos reinos vegetal e mineral revela, por intermédio do conhecimento de uma época, a ideologia de exaltação às coisas nacionais. As riquezas naturais da flora e dos minérios brasileiros emprestam um sentido novo ao conceito de língua. Esta possui diversas possibilidades subjacentes que permitem uma diversidade de usos, bastando para isso, o trabalho de cultivo ou lapidação de suas formas para concretizar os seus diferentes empregos.

O campo lexical referente a instrumentos musicais e à sonoridade pode ser assim descrito: **tuba** (do lat. *tuba*) “trombeta de metal de timbre solene e sonoridade ampla no extremo grave”(p. 1723) é caracterizada pela palavra **clangor** (do lat. *clangores*) “som rijo e estridente como o de certos instrumentos de sopro”(p. 415), em oposição a **lira** (do gr.*lyra*) “instrumento musical de cordas (...) usada por todos os povos da Antigüidade”(p. 1030), especificada pela palavra **singela** (do lat. vulgar *singellu*) “simples”(p. 1591). Os pares **tuba/clangor** e **lira/singela** compõem uma relação antitética com a finalidade de produzir um efeito de sentido onde fica evidente a maleabilidade da língua como um instrumento que se presta à comunicação humana, permitindo, tanto a expressão de discursos eloqüentes como a expressão de palavras delicadas.

Corroborando esse entendimento, há ainda, o vocábulo **trom** (voc. onom. ant.) “estrondo produzido por tiros de artilharia, som de trovão”(p. 1720), que em relação a **silvo** “som agudo e profundo”; sibilo e arrolamento de acalantar”(p. 1585), formando uma gradação que, mais uma vez, enfatiza as possibilidades de expressões diversificadas que podem ser produzidas pela língua, que vão desde a narração dos grandes feitos da história e da cultura de um povo até as mais ternas expressões de um sentimento da alma.

A metáfora “Última flor do Lácio” pode ser definida como uma lexia composta responsável pela composição do grande eixo temático, cuja finalidade é a de recuperar a origem e a formação da Língua Portuguesa. Os aspectos diatópicos, diacrônicos e diastráticos da língua estão subjacentes nesse segmento lingüístico e podem ser assim descritos.

Lácio referente de localização geográfica remete ao idioma local, o Latim, língua falada por um povo rude e sem cultura, mas dotado de grande tino guerreiro e ânimo de conquistador, que ao promover a expansão de seu domínio territorial, impôs a sua língua que, em contato com os substratos e superestratos lingüísticos, determinou a origem de novos e diferentes dialetos. Daí, também, a origem e a formação da Língua Portuguesa, cuja estrutura se distingue de suas co-irmãs latinas. **Flor** é a unidade lingüística, que nesse contexto, encerra a idéia de descendência, ou seja, do grau de parentesco existente na genealogia do idioma. **Última** é uma palavra de caracterização que resgata a dimensão espacial e temporal que há entre a língua-mãe e a língua nascente o que, de certa forma, comprova o princípio lingüístico da mudança e da permanência.

Este eixo temático, sobre o qual se estruturam os campos lexicais e respectivos campos semânticos, produz um efeito de sentido, gerado na instância do produtor e do receptor, uma vez que se considere o contexto situacional da enunciação e do enunciado.

4. Considerações finais

O *corpus* em estudo, inscrito sob a rubrica do poema *Língua Portuguesa* de Olavo Bilac (1888), dá uma mostra da origem e da formação do idioma português, marcado pelas influências dos povos dominadores e dominados. Nessa projeção do passado sobre o presente, aparece a interação lingüística entre povos e culturas, donde sobressai a herança latina. Este legado se evidencia através da pesquisa histórica das palavras que compõem os campos lexicais que se atualizam no enunciado.

Nesse espaço de linguagem, a palavra torna-se fonte de produção de sentidos, de forma que passado e presente se interpenetram e se completam na descrição do objeto, permitindo a construção de novos saberes, que projetam as relações existentes em cada universo histórico cultural, resgatando a história do homem e da língua. Nesse aspecto, uma mesma significação realiza-se por meio de significantes diferentes conforme os princípios da sinonímia e da antonímia.

Portanto, eleger a sinonímia e a antonímia como recurso para uma análise lingüística é dizer que a linguagem que começa no âmbito do significado é capaz de criar situações de uso da língua, gerando efeitos de sentido intercambiáveis nos diferentes contextos. Assim, ao designar, nomear, caracterizar, significar uma atividade, uma técnica, um objeto, cria-se, pelo reagrupamento das palavras, uma noção de conjunto do

material em estudo. Dessa forma, obtém-se uma definição bastante precisa da noção dentro do texto considerado.

Determinar num texto os campos lexicais dominantes, estudar suas inter-relações, verificar que um dado pertence a vários campos é, em última instância, promover relações de sentido e, que nesta perspectiva, confunde-se com o estudo dos campos semânticos àqueles associados. Trata-se de determinar a significação particular de uma palavra, levando-se em conta os seus empregos, a sua época de uso, seu sentido denotativo e suas conotações no enunciado.

A regularidade lingüística e a exterioridade sócio-cultural-histórica e ideológica são as condições básicas, para a produção do discurso, como atividade de comunicação veiculada pela ação da linguagem. O sujeito ao construir seu discurso faz-se participante do processo histórico, interage com o universo de conhecimento, partilha saberes acumulados e desvela novas possibilidades de integração do homem com o mundo.

O estudo do léxico associado ao estudo semântico permite verificar como as escolhas lexicais produzem efeitos de sentidos diferentes quando atualizadas em discursos diferentes. O caso em tela é representativo de um discurso categorizado dentro de uma das modalidades do gênero poético. Assim, é possível uma interpretação que vai além do domínio denotativo, pois comprometida com todo o universo em que se insere esse discurso. Donde se conclui que características objetivas da realidade, quer de uma época distanciada no tempo, quer de um outro momento qualquer, estão carregadas de informações ideológicas e factuais, que desembocam em elementos afetivos que devem ser considerados por quem se coloca como interlocutor nessa comunicação interativa.

O estudo do nível léxico-semântico da língua se apresenta como uma importante metodologia para os estudos estilísticos. Nesse mesmo poema é possível descrever os recursos de estilo criados a partir da seleção lexical. Vale ressaltar, além da metáfora e da gradação já mencionadas, uma outra figura semântica denominada antítese, que pode ser conceituada por (BRANDÃO, 1989, p. 47 cit. TODOROV) como uma “disposição paralela de antônimos” que é a tônica do poema. Essas figuras, segundo Todorov, são categorizadas como “anomalias combinatórias”, cuja regra para que esses tropos consistam em uma anomalia lingüística, pode ser assim formulada “para que duas palavras possam combinar em uma expressão, devem elas possuir uma mesma parte de sentido” (apud, BRANDÃO, 1989, p. 44).

No texto de Bilac, ora estudado, verifica-se a pertinência do conceito de Todorov, para a descrição e análise dos recursos expressivos. A pesquisa de dicionário se mostrou operante quanto à possibilidade de identificação de semas pertinentes entre as escolhas lexicais feitas pelo produtor. Assim o aspecto revelador do ufanismo pela Língua Nacional, traduz-se pelas figuras de linguagem que a enaltecem, que categorizam e que a tornam distinta cunhando sua identidade. Transparece aqui a ideologia de uma época em que as ‘coisas nacionais’ detinham poder e supremacia, marcados pelo rigor e pela pesquisa lingüísticos como sinal de deferência e reconhecimento pelos usuários. À época da enunciação, a busca pela perfeição, por meio da forma e pela preciosidade do conteúdo se cultuava como sinônimo de erudição daqueles que se serviam da língua no seu fazer discursivo.

Pelo exposto, pode-se dizer que o estudo do léxico, nos diferentes discursos, permite uma ampla contribuição para o desvelamento dos aspectos sociais, das manifestações culturais, das preferências lingüísticas, da hierarquia dos valores cultuados por uma comunidade de indivíduos, num determinado tempo e dentro de um espaço. Ainda, quais as idéias prevalentes para os diferentes grupos sociais e quais os conceitos norteadores das regras e padrões estabelecidos e aceitos pelos grupos como forma de punição, recompensa e ascensão.

Finalmente, resta evidente que a pesquisa lexical foi, deveras, produtiva para a verificação de alguns vocábulos originários de outras línguas pré-românicas, românicas, dos níveis culto ou vulgar passaram a ser utilizados pelos falantes até que o seu uso reiterado fez com que dessem entrada no dicionário passando a integrar o léxico da Língua portuguesa.

5. Referências bibliográficas

BILAC, O. *Língua Portuguesa – As Viagens – In Poesias*, 1888. In: Literatura Comentada por Norma Goldstein. São Paulo: Abril Educação, 1980.

BRANDÃO, R. de O. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LAFACE, A. *A linguagem, fonte de produção de conhecimentos*, 2003. Anotações de sala de aula.

_____. *A unidade lexical na língua – a lexia, o vocabulário, a palavra, ocorrências e frequências*, 2003. Anotações de sala de aula. (A publicar).

_____. *Campo lexical, campo semântico e unidade de sentido*, 2003. Anotações de sala de aula. (A publicar).

_____. *Ensino da língua materna – sinonímia e parassinonímia, como fonte interação cultural e discursiva* de, 2003. Anotações de sala de aula. (A publicar).

LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa, 1970

MARQUES, M.H.D. *Iniciação à semântica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MARTINS, N. S. A. *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A Queiroz/EDUSP, 1989.

STEFANES, I. *Retórica e argumentação: fundamentos para análise de um discurso do sul-mato-grossense Hélio Serejo*. Assis, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras).

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.